

FERNANDO PESSOA EM *POETAS NOVOS DE PORTUGAL* (1944), DE CECÍLIA MEIRELES

CLÁUDIA MARIA DE SOUZA AMORIM *

MARCELO ALVES DA SILVA **

RESUMO

Publicada em março de 1944, a antologia *Poetas Novos de Portugal* é um marco na bibliografia ativa de Fernando Pessoa, pois foi pela primeira vez que, no Brasil, o poeta português foi integrado em uma antologia. Neste artigo, pretendemos levantar uma discussão sobre o modo como a poeta e antologista Cecília Meireles organizou as peças poéticas do ortônimo e de seus heterônimos. Incluímos uma breve reflexão sobre a materialidade filológica dos poemas pessoanos, bem como os apontamentos do próprio Fernando Pessoa sobre a importância e a natureza das antologias.

PALAVRAS-CHAVE: Antologia. Poesia. Fernando Pessoa. Cecília Meireles. Modernismo Português.

INTRODUÇÃO

Os primórdios de uma frustrada relação artística entre o poeta português Fernando Pessoa (1888-1935) e a poeta brasileira Cecília Meireles (1901-1964) são bastante conhecidos na república das Letras. Alexandre Severino, em clássico artigo intitulado “Fernando Pessoa e Cecília Meireles: A Poetização da Infância” (1981) anota que, em

* Professora associada de Literatura Portuguesa e Procientista, do PPG – Letras – UERJ, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: claudia.amorim@uol.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8378-7352>.

** Professor de Língua Portuguesa – Anos Finais – da Prefeitura Municipal de Petrópolis (2023-). Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ, 2019) e doutorando em Literatura Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ (2020-). É pesquisador da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Luso-Afro-Brasileiros (UFRJ). Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: br.marceloalves@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8284-5418>.

1935, Meireles e Pessoa se veriam no café A Brasileira, no Chiado, mas o encontro não aconteceu: ao retornar para o hotel onde estava hospedada, Cecília se deparou com um exemplar de *Mensagem* autografado por Pessoa e um bilhete com a justificativa de que o poeta havia lido o horóscopo pela manhã, indicando que não deveriam se encontrar.

A conversação não realizada certamente é uma lástima para as letras brasileiras e portuguesas; contudo, embora não tenha ocorrido o diálogo empírico entre essas duas personalidades da poesia em Língua Portuguesa, o público leitor luso-brasileiro é testemunha de uma recepção, digamos, espiritual entre Fernando Pessoa e Cecília Meireles: em 1944, a poeta brasileira publicou uma antologia dedicada aos poetas portugueses que lhe foram contemporâneos. Nesta seleção, figuram as poesias de Fernando Pessoa e a dos heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. A obra é considerada um marco para a bibliografia ativa do poeta, pois pela primeira vez a poesia de Pessoa integrou uma antologia no Brasil.

É importante salientar que Cecília Meireles fora casada com Fernando Correia Dias (1892-1935), um artista plástico português conhecido pela comunidade artística lusitana por meio de suas ilustrações e caricaturas. Em 19 novembro de 1935, poucos dias antes do falecimento de Pessoa, Correia Dias cometeu suicídio: o artista sofria profundas crises de depressão. Pessoa o havia conhecido: ambos foram apresentados pelo professor, poeta e jornalista Luciano de Araújo (1882-?) e este acontecimento está registrado no Diário de 1913 do poeta português:

2/4 (4a. FEIRA)

Para a baixa cedo (9 horas). Vindo pela Brasileira, fui apresentado pelo Luciano de Araújo, que ali estava, ao Albino de Menezes e ao Correia Dias, que estavam na exposição do Almada Negreiros. Ali recebi os catálogos que este me prometera. Fui depois ao Arsenal do Exército, com o Luciano, debaixo de chuva; mandaram-me voltar lá no dia seguinte. Voltei. Fui lanchar ao Pessoa. Depois estive no escritório do Lavado, onde escrevi umas cartas. Saindo encontrei o Santa Rita, fomos até à Brasileira, onde estivemos falando com o Almada Negreiros (sempre exageradamente garoto) e Castañé. Vim para o escritório do Mayer; escrevi cartas para o Natal, datada de 1. - De noite fui à Brasileira. Fui lá apresentado a um rapaz António Alves; estiveram depois um rapaz que não conheço, é agarotado, e o Dom Tomás

de Almeida, que não conheço senão de vista, e que falou sempre, tendo graça obscena, mas, no fim, dolorosamente irritante. (PESSOA, 2022, p. 111-112)

Como nos lembra Gianluca Miraglia (2017), Correia Dias gozava de tamanha reputação, que colaborava com ilustrações em algumas publicações importantes, tais como a revista *A Águia*, para a qual desenhou a capa. Vê-se, portanto, que havia uma afinidade eletiva entre os modernistas portugueses e brasileiros, cujo reflexo se notará, numa primeira instância, entre os contribuidores de *A Águia*; e em uma segunda instância, pelo diálogo extático entre o expoente da poesia modernista portuguesa, Fernando Pessoa, e a da poesia modernista brasileira, Cecília Meireles, vistos no exemplar de *Mensagem* e na antologia *Poetas Novos de Portugal*.

Figura 1. Capa de *A Águia*, 2ª. série, vol. I, No. 1, janeiro de 1912.



Fonte: https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/a-aguia/in-issue/iss_0000000011#.

Acesso em 03 de janeiro de 2024.

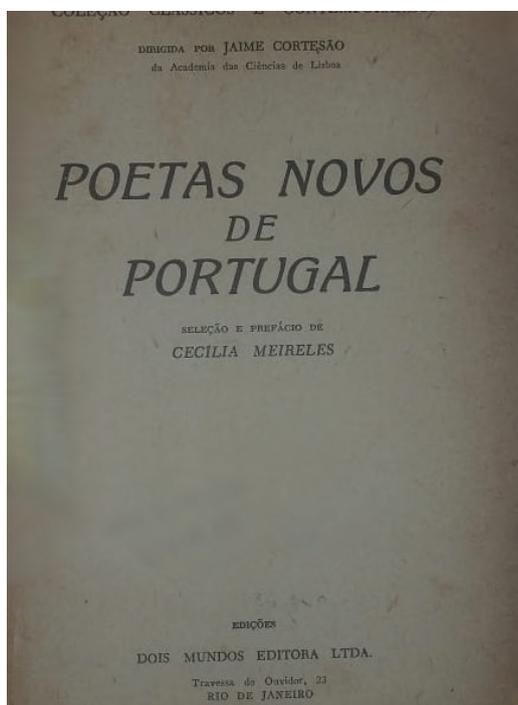
Rodrigo Xavier, em “Três leitoras brasileiras de Fernando Pessoa” (2019), ao analisar a importância de Cecília Meireles como ponto de recepção da poética do autor de *Mensagem*, sinaliza que:

Cecília Meireles viria a ser não só a primeira mulher a escrever sobre Fernando Pessoa no Brasil, mas a primeira a apontar caminhos de leitura da poética pessoana aos tantos leitores brasileiros que estariam por vir (XAVIER, 2019, p. 127)

É evidente que esses “caminhos” estão bem assinalados no prefácio, ao qual nos dedicaremos brevemente; mas é importante também discutir que uma antologia é o resultado de uma decisão editorial, que não se distingue de um trabalho curatorial. Por isso, olharemos também para os poemas que Cecília Meireles selecionou (e definiu) como os mais representativos da poética de Fernando Pessoa.

POETAS NOVOS DE PORTUGAL (1944)

Figura 2. Frontispício da antologia *Poetas Novos de Portugal*.



Fonte: *Poetas Novos de Portugal* (1944).

A coletânea *Poetas Novos de Portugal* fora publicada no Rio de Janeiro, em março de 1944, isto é, há aproximadamente 80 anos. O livro foi composto e impresso na Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” LTDA para a Editora Dois Mundos.

Essa casa editorial fora fundada pelos irmãos Joaquim de Sousa Pinto e António Augusto de Sousa Pinto (1901-1987), editores, distribuidores e livreiros portugueses, responsáveis por dirigir, entre as décadas de 1930 e 1980, várias editoras e livrarias em Portugal e no Brasil. A Editora Dois Mundos foi, digamos, uma continuação espiritual do primeiro empreendimento editorial dos irmãos Sousa Pinto, a editora Livros de Portugal: seu objetivo era divulgar a herança portuguesa nas áreas da História, Etnografia, Literatura e Linguagem, em edição avulsa ou na coleção Clássicos e Contemporâneos.

Como podemos notar no frontispício anteriormente reproduzido, *Poetas Novos de Portugal* pertenceu à coleção Clássicos e Contemporâneos, dirigida pelo escritor e político republicano Jaime Cortesão (1884-1960). A primeira edição contou com 250 exemplares.

Na estrutura do livro, os poetas são agrupados em duas grandes seções: 1 – Camilo Pessanha e o grupo de “Orpheu”, com 14 poetas (respectivamente Camilo Pessanha, Afonso Duarte, Luis de Montalvor, Alfredo Pedro Guisado, Mário de Sá-Carneiro, Côrtes Rodrigues, Ângelo Lima, Fernando Pessoa, Ricardo Reis, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, João de Castro Osório, João Falco, Fernanda de Castro) e 2 – Da “Presença” aos poetas novos, com 25 poetas (respectivamente, José Régio, Vitorino Nemésio, António Botto, Pedro Homem de Melo, Branquinho da Fonseca, Alberto de Serpa, Carlos Queiroz, Miguel Torga, Adolfo Casais Monteiro, António de Navarro, António Pedro, António de Souza, Francisco Bugalho, Saul Dias, João Campos, Manuel da Fonseca, Ruy Cinatti, Tomaz Kim, Joaquim Namorado, Mário Dionísio, João José Cochofel, Fernando Namora, Jorge de Sena, Natércia Freire, Augusto dos Santos Abranches).

O prefácio escrito por Cecília Meireles contém 37 páginas e havia sido elaborado um ano antes da publicação, em 1943. Inicialmente, a poeta explica alguns pormenores e pertinências que deveriam fazer parte de uma antologia dedicada a poetas “novos”. Segundo Meireles, em primeiro lugar, ao se criar uma antologia, dimensiona-se o sentido histórico e estilístico, isto é, produz-se uma antologia que enquadra poetas “novos” por oposição a poetas “clássicos” ou “românticos”. De acordo com Meireles, contudo, muitos poetas incluídos nesta obra não podem ser considerados contemporâneos; e, ainda, muitos contemporâneos não se enquadram em essência como estritamente “novos”.

Para Cecília Meireles, é importante discutir alguns problemas que se instalam na relação entre o fazer poético, o seu ambiente histórico e, especialmente, a sua recepção/fruição. Desse modo, a prefaciadora diz que:

Quando, no entanto, uma literatura reflete imediatamente o artista em sua época, agitado por seus problemas, suas angústias, suas esperanças – talvez por falta de distância para ser contemplada, assume aspectos ininteligíveis para o público, hesitante em reconhecê-la e aceitá-la, duvidoso do que lhe está sendo oferecido, desconfiado das intenções, da seriedade ou da saúde do artista. (MEIRELES, 1944, p.19)

Meireles, contudo, explica que essas dificuldades são da *techné*, isto é, dos procedimentos oriundos das obsolescências e dos adventos de novas expressões literárias:

[...] Tudo apenas porque uma outra técnica vem substituir a técnica até ali usada, outros temas se sucedem a temas já conhecidos e respeitados – a vida, enfim, se apresenta sob outros aspectos, e esses novos aspectos determinam uma expressão nova. (MEIRELES, 1944, p.19)

As considerações de Cecília Meireles quanto à estranheza no processo de criação artística em face de um determinado momento histórico marcam a singularidade dos poetas que ela selecionou para compor a antologia; mas, nas páginas seguintes, a antologista elucida melhor os seus critérios, as suas razões:

Estes poetas novos de Portugal têm, sobre os de outros países e outros tempos, a vantagem de um especial poder de crítica e auto-crítica, decorrência de tão ousadas investigações psicológicas a que nos tem arrastado o estudo do homem e da vida. Por isso, eles deixarão de si, ao lado de uma produção singularmente expressiva, elementos para a sua interpretação, minuciosa e clara. Muitos deles são tão bons críticos literários como poetas: explicam-se em prosa e verso, provando que, além de saberem dizer o que querem, sabem como o dizem e por que o dizem. Não é em vão que paira sobre eles a inscrição de que um se utilizou: “O que em mim sente está pensando”. (MEIRELES, 1944, p. 20)

Notamos que, pela citação, o exemplo paradigmático de poetas-prosadores, ou “poetas pensantes” – aqueles poetas que são também críticos –, é Fernando Pessoa. Partindo dos escritos em prosa e das cartas, isto é, dos testemunhos pessoanos relativamente popularizados à época, Meireles se instala na variabilidade dos textos de Fernando Pessoa e, a partir deles, deixa-se levar, como muitos outros críticos pessoanistas vindouros, pela chave de leitura que será bastante difundida na fortuna crítica pessoana: a de que a poética de Fernando Pessoa é bastante cerebral. É desse instrumental que Meireles se vale para apresentar a biografia e o estilo literário do autor de *Mensagem*¹ (cf. Anexo 1).

No entendimento de Cecília Meireles, três aspectos da obra de Fernando Pessoa chamam a atenção: a multiplicidade, o significado e a projeção das suas peças poéticas. Cecília ressalta, em primeiro lugar, a associação entre lirismo, abstração e despersonalização na obra pessoana, o que configura a sua poesia como um caso *sui generis*.

Em segundo lugar, citando Adolfo Casais Monteiro (1908-1972) e João Gaspar Simões (1903-1987), a poeta brasileira menciona o reconhecimento de uma “autenticidade de artista” caracterizada por uma obsessão/alienação na própria literatura. Após uma longa citação da carta de 11 de dezembro de 1931, em que Pessoa se identifica para João Gaspar Simões como “poeta dramático”; e a famosa carta de explicação do heteronimismo a Adolfo Casais Monteiro, de 13 de janeiro de 1935, Cecília Meireles confessa “[...] Fernando Pessoa, ele próprio, não é também um caso simples: lírico da mais clara essência é, ao mesmo tempo esotérico, e súbito se faz profético e patriótico” (MEIRELES, 1944, p. 44).

A parte do prefácio correspondente à apresentação de Pessoa e dos seus heterônimos encaminha-se para alguns pormenores editoriais: Meireles, por exemplo, indica que o falecimento do poeta impossibilitou-o de realizar os projetos expostos na carta a Casais Monteiro; e que a publicação da sua poesia, no entanto, vem sendo realizada por poetas e amigos. Não nos esqueçamos de que na década de 1940 a editora Ática já havia publicado um volume das poesias de Fernando Pessoa ortônimo e outro das poesias de Álvaro de Campos, respectivamente em 1942 e 1944.

Para a poeta brasileira, a despeito da publicação de *Mensagem*, considerada por ela literatura menor (basta ver o uso que faz do termo “volumezinho” repetidas vezes ao longo do prefácio), devemos aceitar os interesses de Fernando Pessoa por “coisas

1 Transcrevemos, no Anexo 1, a parte do prefácio dedicada a Fernando Pessoa e seus heterônimos, porque julgamos relevante para o estudo apresentado nesse artigo.

transcendentais” em um “sentido profético”. Nota-se, pois, que ao finalizar desta forma a parte do prefácio dedicada a Pessoa, Cecília Meireles não se priva de vaticinar uma futura (e desafiadora) recepção fruidora da poesia pessoana. Afinal, “só com míseros olhos profanos, não as consegue atingir com precisão” (MEIRELES, 1944, p. 46). A poeta e antologista parece crer que a irrealização dos projetos e a aventura que é a descoberta das obras poéticas de Fernando Pessoa são sinais de um transcendentalismo pelo qual o poeta pode ser reconhecido. A atmosfera ocultista de Fernando Pessoa orienta o enfoque de Cecília Meireles, o que se revelará na seleção dos poemas ortônimos e heterônimos.

OS POEMAS

Ao incluir os heterônimos Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos de forma relativamente separada dos poemas ortônimos, Cecília Meireles aceita, em sua antologia, o drama em gente engendrado pelo poeta, teatro encenado nas publicações em vida e nas explicações epistolares. Pessoa e seus heterônimos aparecem na primeira parte da antologia, “Camilo Pessanha e o grupo de ‘Orpheu’”. Quais foram os poemas selecionados para representar o ortônimo e a constelação heteronímica? Vejamos a Tabela 1 a seguir:

Quadro 1. Poemas de Fernando Pessoa e de seus heterônimos selecionados por Cecília Meireles para compor a antologia *Poetas Novos de Portugal*.

Autor	Título/Incipit
Fernando Pessoa	“Onde pus a esperança, as rosas”; <i>Canção</i> : “Silfos ou gnomos tocam?”; <i>O menino de sua mãe</i> ; “Sol nulo dos dias vãos”; “Dizem?”; <i>Natal</i> : “Natal. Na província neva.”; <i>O último sortilégio</i> ; “Foi um momento”; <i>Eros e Psique</i> ; <i>O dos castelos</i> ; <i>D. Sebastião</i> ; <i>Canção</i> : “Põe-me as mãos nos ombros”; “O céu azul de luz quieta”.
Ricardo Reis	“Para ser grande, sê inteiro: nada”.
Alberto Caeiro	“Num meio-dia de fim de primavera”.
Álvaro de Campos	<i>Ah, um soneto!</i> ; <i>Apostila</i> ; “Tenho uma grande constipação”; <i>Dactilografia</i> ; <i>Adiamento</i> ; “O sono que desce sobre mim”.

Fonte: Elaborada pelos autores com base em Meireles (1944).

Do ortônimo, Meireles selecionou 13 poemas; dois deles (O dos castelos; D. Sebastião) pertencem à obra *Mensagem* (1934). De Ricardo Reis e Alberto Caeiro há apenas, respectivamente, uma ode e um poema de *O Guardador de Rebanhos* (número VIII). Quanto a Álvaro de Campos, a poeta brasileira selecionou seis poemas. Praticamente todos eles haviam sido publicados nas revistas *Presença*, *Athena* ou *Contemporânea*. A própria antologista nos fornece essa informação ao final das peças poéticas. A exceção está, ao que parece, no poema “O sono que desce sobre mim”: não tendo sido publicado em vida pelo autor, Cecília Meireles certamente o extraiu da edição da *Ática*, organizada por Luís de Montalvor.

Os poemas de Fernando Pessoa ortônimo incluídos por Cecília Meireles dão-nos um panorama poético não muito distinto do que poderia estar no imaginário dos leitores das revistas modernistas portuguesas à época. Afinal, em “Onde pus a esperança, as rosas”, já encontramos a condenação à aposta da empiria (sentimentos, sensação) em favorecimento ao abstracionismo (sombras, sonhos) como um modo de habitar o mundo, ainda que essa habitação seja um modo de fracassar.

O gosto pelo sobrenatural, pelo mistério e pelo incognoscível como ditame de uma busca pelo ser estão bem representados por poemas como “Silfos ou gnomos tocam?”, *O último sortilégio* e *Eros e Psique*. A defesa de que o sonho, a memória, a recordação, os projetos e os desejos são, poeticamente, mais reais e vitoriosos do que a própria realidade se situa em “Foi um momento”. Este saber, entretanto, é acompanhado por um sentimento de frustração, tal como verificamos em “Põe-me as mãos nos ombros”. Um Pessoa épico, que interpreta a história nacional a partir dos seus símbolos, está plenamente representado nos poemas de *Mensagem*, “O dos Castelos” e “D. Sebastião”. O germe da genialidade poética e o lirismo vazado de saudosismo se conectam, respectivamente, em *O menino de sua mãe* e *Natal*.

Quando olhamos a presença da produção sob a clave dos heterônimos, fica evidente a preferência de Cecília Meireles por nos ofertar uma quantidade significativa de poemas de Álvaro de Campos. A princípio, poderíamos argumentar que, em 1944, já circulavam alguns resultados da empreitada realizada por Montalvor, reflexo da ânsia por publicar tudo que havia sido encontrado na arca e que, naquela ocasião, corresponderia à obra de Álvaro de Campos; mas não podemos nos esquecer de que, em vida, Pessoa, nos números de *Athena*, ofereceu-nos uma parcela significativa da obra dos outros dois

heterônimos: no primeiro número de *Athena* (1924) há 20 odes de Ricardo Reis; no número 4 (1925), há 23 poemas de Alberto Caeiro.

Levantamos duas hipóteses: (1) provavelmente, Cecília Meireles acreditou que seria suficiente incluir apenas um poema de Ricardo Reis e um poema de Alberto Caeiro para dar conta de apresentar, aos leitores brasileiros, o estilo desses heterônimos. Afinal, tanto a ode de Reis escolhida quanto o poema número VIII de *O Guardador de Rebanhos* representam adequadamente a poética dessas duas figuras.

Quanto ao Álvaro de Campos, tratar-se-ia de um heterônimo mais multifacetado: não à toa, a antologia comporta dele seis poemas e cada uma dessas peças poéticas oferece-nos as já reconhecidas quatro fases da poesia camposiana: a decadentista, a sensacionista, a metafísica e a aposentada²; (2) A maior parte dos poemas selecionados havia sido publicada na revista *Presença e Contemporânea*, o que nos faz acreditar que essas tenham sido as fontes mais consultadas pela antologista.

De qualquer modo, é curioso verificar que, num levantamento quantitativo, após o ortônimo são os poemas camposianos que foram preferidos para exibir a constelação heteronímica. Cecília Meireles estaria, pois, seguindo a tendência das publicações da *Ática*, uma vez que, posteriormente à publicação da poesia ortônima em 1942, viria, no mesmo ano da antologia, a publicação da poesia de Campos?³ Ou a poeta brasileira já estaria a notar que existe uma tênue aproximação entre os principais temas glosados pelo ortônimo e pelo engenheiro sensacionista?

CONCLUSÃO

Cecília Meireles, no seu prefácio, reconhece, como uma espécie de lamento, ao menos um aspecto das atividades poéticoespeculativas da vida literária de Fernando Pessoa: o poeta português era, digamos, um irrealizador de projetos. Seus inúmeros

2 A divisão foi proposta inicialmente, em 1990, por Teresa Rita Lopes, no opúsculo *Álvaro de Campos – Vida e Obras do Engenheiro*. Ao longo desses últimos 30 anos, a poeta e pesquisadora portuguesa já reformulou algumas vezes as fases, mas as quatro que citamos se tornaram reconhecidas na fortuna crítica pessoana.

3 Em 1945, a *Ática* publica *Mensagem*; em 1946, os poemas de Alberto Caeiro e as odes de Ricardo Reis.

testemunhos textuais, presentes outrora na arca (hoje tesouro nacional português), mas também em coleções particulares dos herdeiros e de outras bibliotecas públicas espalhadas pela Europa e pela América do Norte indicam-nos que Fernando Pessoa passava boa parte do tempo planejando atividades editoriais variadas, inclusive antologias. Como anotam Pitella & Pizarro (2016):

A paixão antológica do poeta não foi só passiva, mas também ativa. Pessoa vislumbrou compilações de poetas ingleses, uma antologia de “Melhores poesias lyricas da língua portuguesa” e até mesmo coletâneas para além da poesia. Com o poeta António Botto, Pessoa chegou a compilar uma Anthologia de poemas portugueses modernos, em 1929. (PITELLA & PIZARRO, 2016, p. 19)

É a partir do final dos anos 1990, com o surgimento das edições críticas dos poemas ortônimos e dos heterônimos, que passamos a ter acesso não só à genealogia de famosos textos literários escritos sob o nome de Fernando Pessoa, de Álvaro de Campos, de Alberto Caeiro e de Ricardo Reis, como também a uma profusão de planos e projetos editoriais do próprio Pessoa, o que demonstra uma certa obsessão (do autor empírico!) por organizar sua obra a fim de que ela fosse recepcionada de modo menos espúrio possível.

A existência da arca (e também da marginália dos seus quase 1300 livros) não é gratuita: Pessoa tinha a dimensão da importância dos seus textos, tinha consciência da sua materialidade; e legou aos leitores da segunda metade do século XX uma fundamental tarefa que colabora com os investimentos hermenêuticos: a tarefa de decifrar seus textos. Sem esta responsabilidade, não seríamos capazes de, por exemplo, acessar itens como o texto “Ideias para uma Antologia. Maneira de fazer uma antologia” (cf. Anexo 2), em que Pessoa defende as antologias como um “tesouro de versos”.

Nesse texto, Pessoa faz um contraponto entre a banalidade de se escolher um conjunto de poemas para compor uma antologia e a gravidade dos critérios que regulamentam as escolhas dos poemas. O poeta português entende que não é pertinente realizar uma escolha (e, conseqüentemente, divisão) de poemas a antologiar segundo critérios genéricos (lírico, épico, dramático, elegíaco), mas que uma boa antologia deve seguir o critério da inspiração, ou seja, quanto ao tema que motivou a glosa dos poemas (natureza, amor etc).

Embora o texto esteja incompleto, parece-nos claro: ao menos para antologiar poemas, é apropriado o critério da fruição, pois o tema não é exatamente fornecido pelo gênero, mas por uma atividade interpretativa cabível ao antologista. Ou seja: o antologista deverá se apropriar do poema, a partir da leitura, para dele depreender possíveis modos de organização e que, segundo Fernando Pessoa, procedem primordialmente dos “sentimentos emergindo do contato”. Exatamente como fez sua primeira antologista brasileira, Cecília Meireles.

FERNANDO PESSOA IN *POETAS NOVOS DE PORTUGAL* (1944), BY CECÍLIA MEIRELES

ABSTRACT

Published in March 1944, the anthology *Poetas Novos de Portugal* is a milestone in Fernando Pessoa's active bibliography, as it was the first time that the Portuguese poet was anthologized in Brazil. In this article, we aim to offer a discussion on how the poet and anthologist Cecília Meireles organized the poetic pieces of the orthonym and its heteronyms. We include a brief discussion on the philological materiality of Pessoa's poems, as well as Fernando Pessoa's reflections on the importance and nature of anthologies.

KEYWORDS: Anthology. Poetry. Fernando Pessoa. Cecília Meireles. Portuguese Modernism.

FERNANDO PESSOA EM *POETAS NOVOS DE PORTUGAL* (1944), POR CECÍLIA MEIRELES

RESUMEN

Publicada en marzo de 1944, la antología *Poetas Novos de Portugal* es un hito en la bibliografía activa de Fernando Pessoa, ya que fue la primera vez que, en Brasil, el poeta portugués fue antologizado. En este artículo, pretendemos ofrecer una discusión sobre la forma en que la poeta y antologadora Cecília Meireles organizó las piezas poéticas del ortónimo y de sus heterónimos. Incluimos una breve discusión sobre la materialidad filológica de los poemas pessoanos, así como las reflexiones del propio Fernando Pessoa sobre la importancia y la naturaleza de las antologías.

REFERÊNCIAS

MEIRELES, Cecília. *Poetas Novos de Portugal*. Rio de Janeiro: Editora Dois Mundos, 1944.

MELO, Daniel. Semblanza de António de Sousa Pinto (1901-1987). In.: *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*: Portal Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX-XXI). Disponível em: <<https://www.cervantesvirtual.com/obra/antonio-augusto-de-sousa-pinto-porto-1901-lisboa-1987-semblanza-877778/>>. Acesso em: 02 jan. 2024.

MIRAGLIA, Gianluca. A Ânfora do Saudosismo: uma caricatura de Pessoa enquanto saudosista. In.: *Pessoa Plural*: Revista de Estudos Pessoaanos. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/39385>>. Acesso em: 02 jan. 2024.

PESSOA, Fernando. *Álvaro de Campos: Vida e Obras do Engenheiro*. Ed. Teresa Rita Lopes. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

PESSOA, Fernando. *Diários e escritos autobiográficos*. Ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2022.

PITELLA, Carlos & PIZARRO, Jerónimo. *Como Fernando Pessoa pode mudar sua vida: primeiras lições*. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2016.

SEVERINO, Alexandre Emílio. Fernando Pessoa e Cecília Meireles: A Poetização da Infância. In.: FERNANDES, Francisco Cota. *Persona*, no.5, pp. 15-22, 1981.

XAVIER, Rodrigo. Três leitoras brasileiras de Fernando Pessoa. In.: *Pessoa Plural*: Revista de Estudos Pessoaanos. Disponível em: <<https://doi.org/10.26300/k4js-tj41>>. Acesso em: 02 jan. 2024.

Submetido em 21 de janeiro de 2024

Aprovado em 02 de abril de 2024

Publicado em 30 de maio de 2024

ANEXO 1 – PREFÁCIO DE CECÍLIA MEIRELES SOBRE FERNANDO PESSOA E SEUS HETERÔNIMOS [p. 38-46]⁴.

Ainda dentro do grupo de “Orpheu”, é Fernando Pessoa o poeta que mais absorve a atenção do leitor e do crítico, quer pela multiplicidade de sua obra, quer pelo seu significado e projeção, apesar de não haver reunido em livro senão o volumezinho “Mensagem”, precisamente o que menos caracteriza o autor.

Fernando Pessoa é o caso mais extraordinário das letras portuguesas. Nascido em 1888, possuidor de qualidades líricas tão raras que dulcificam, eterizam a língua em que escreveu, tornando-a um instrumento de delicadeza nova, sensível ao mais abstrato toque, – não se limitou a viver a sua personalidade: desdobrou-se em outras diferentes, mas igualmente poderosas, realizando assim a obra de quatro poetas que fossem igualmente geniais.

É grato ouvir falar de si mesmo “um dos poetas a quem as novas gerações portuguesas consideram Mestre”, - no dizer de João Gaspar Simões. De sua autenticidade de artista, falam estas suas palavras: [p.38]

“... a minha vida gira em torno da minha obra literária – boa ou má que seja ou possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim um interesse secundário: há coisas, naturalmente, que estimaria ter, outras que tanto faz que venham ou não venham²”.

A respeito das suas múltiplas personalidades, desdobradas sob vários heterônimos, tenta explicar em 11 de dezembro de 1931, em carta a João Gaspar Simões:

“O ponto central da minha personalidade como artista é que sou um poeta dramático; tenho continuamente, em tudo quanto escrevo, a exaltação íntima do poeta e a despersonalização do dramaturgo. Voo outro – eis tudo. Do ponto de vista humano – em que ao crítico não compete tocar, pois de nada lhe serve que toque – sou um histeroneurastênico na inteligência e na vontade (minuciosidade de uma, tibieza de outra). Desde que o crítico

4 Publicamos uma parte do prefácio escrito por Cecília Meireles – a que se dedica a apresentar Fernando Pessoa e seus heterônimos. Acreditamos, desta forma, contribuir para a disponibilização de textos pertencentes à bibliografia ativa do poeta, considerando que a antologia não tem sido de fácil acesso para pesquisadores pessoanistas. O exemplar que utilizamos, por exemplo, é o único disponível na biblioteca do Instituto de Letras e necessita de urgentes reparos. Na nossa transcrição, a ortografia foi atualizada e alguns equívocos gramaticais do original foram desfeitos para bom entendimento do atual leitor. As notas da prefaciadora estão representadas por N.P.

fixe, porém, que sou essencialmente dramático, tem a chave da minha personalidade, no que pode interessá-lo a ele ou a qualquer pessoa que não seja um psiquiatra, que, por hipótese, o crítico não tem que [p.39] ser. Munido desta chave, ele pode abrir lentamente todas as fechaduras da minha expressão. Sabe que, como poeta, sinto; que, como poeta dramático, sinto despegando-me de mim; que, como dramático (sem poeta) transmudo automaticamente o que sinto para uma expressão alheia ao que senti, construindo na emoção uma pessoa inexistente que a sentisse verdadeiramente, e por isso sentisse verdadeiramente e, por isso sentisse, em derivação, outras emoções que eu, puramente eu, me esqueci de sentir”.

Mais tarde, em 13 de janeiro de 1935, voltaria a explicar a Casais Monteiro o problema de seus heterônimos (e não pseudônimos, pois o poeta não se ocultava sob falsos nomes: multiplicava-se em personalidades):

“Como escreve em nome desses três?...”

“Caeiro, por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstrata, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê”.

É o tempo de dizer-se que os “três” a que se refere são: Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos. Todos três viviam tão nítidos em redor do poeta que [p.40] ele conseguia retratá-los, descrevê-los em suas vidas, gostos e pensamentos.

De Ricardo Reis, dizia com a naturalidade de quem escreve a biografia de um amigo íntimo que nascera em 1887, no Porto, fora educado num colégio de jesuítas, exercia a profissão de médico, e vivia no Brasil, “desde 1919, pois se expatriara espontaneamente, por ser monárquico”. Era “latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria”. “Manifesta-se” do seguinte modo: “Aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande) veio-me a ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei uma coisa em verso irregular (não no estilo de Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis)”³

Assim, era esse heterônimo do poeta, ao tempo da sua manifestação, homem de seus vinte e cinco anos e “pagão por carácter”. Definiu-o ainda o poeta com estas curtas palavras: “Ricardo Reis disse: ‘Abomino a mentira [p.41], porque é uma inexatidão. Todo o Ricardo Reis passado, presente e futuro está nisto”’.

Não menos curiosa a informação sobre Alberto Caeiro, cuja duração, aliás, não é muito longa:

“Ano e meio ou dois anos depois (reporta-se ao “nascimento” de Ricardo Reis) lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta, mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de março de 1914 – acerquei-me de uma cômoda alta e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase, cuja natureza não consegui definir. Foi o dia triunfal da minha vida e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título ‘O Guardador de Rebanhos’. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro”.

Esse Alberto Caeiro o poeta dizia-o nascido em Lisboa, em 1889. Vivera quase toda a vida no campo, e não tivera posição nem quase nenhuma educação. [p.42]

Pessoa descreveu-lhe o físico com enternecida minúcia e pela boca do terceiro heterônimo (Álvaro de Campos) que escreveu umas “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, disse, com encanto: “O meu mestre Caeiro não era um pagão: era o paganismo... Em Caeiro não havia explicação para o paganismo; havia consubstanciação”.

Finalmente, Álvaro de Campos, nascido em Tavira a 15 de outubro de 1890, deixou em três quartos o seu curso de engenharia naval por Glasgow, e, de volta de uma viagem ao Oriente, indo passear ao Ribatejo, encontrou, em casa de um primo, aquele Alberto Caeiro que havia de ser seu mestre.

Pessoa dizia: “Pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida”. E fazia seu heterônimo discorrer da seguinte maneira, sobre assuntos de arte:

“Toda a arte é uma forma de literatura, porque toda a arte é dizer qualquer coisa. Há duas formas de dizer – falar e estar calado. As artes que não são a literatura são as projeções de um silêncio expressivo. Há que procurar em toda a arte que não é a literatura a frase silenciosa que ela contém, ou o poema, ou o romance, ou [p.43] o drama. Quando se diz ‘poema sinfônico’ fala-se exatamente, e não de um modo translato e fácil. O caso parece menos simples que as artes visuais, mas, se nos prepararmos com a consideração de que linhas, planos, volumes, cores, justaposições e contraposições são fenômenos verbais dados sem palavras, ou antes por hieróglifos espirituais, compreenderemos como compreender as

artes visuais, e, ainda que as não cheguemos a compreender ainda, teremos ao menos, já em nosso poder, o livro que contém a cifra e a alma que pode conter a decifração. Tanto basta até chegar o resto”⁴

Os que de mais perto viram e acompanharam a vida desse singular poeta parece não terem concluído com absoluta clareza sobre o que ele tentou explicar minuciosamente a respeito de seus heterônimos. Ficou-lhes a dúvida sobre os limites de independência que haveria alcançado cada uma dessas outras personalidades inventadas ou recebidas.

Em meio a todas elas, Fernando Pessoa, ele próprio, não é também um caso simples: lírico da mais clara essência, é, ao mesmo tempo esotérico, e súbito se faz profético e patriótico. [p.44]

Por esquisitas determinações do Fado, não realizou os projetos, expostos na famosa carta a Casais Monteiro, de publicar no fim do ano de 35 um grande volume com seus pequenos poemas. Por essa ocasião, devia ele mesmo partir-se a outros mistérios, para desconsolo dos que o amavam, e luto das letras portuguesas. Sua obra mais valiosa acha-se inédita e dispersa em revistas – de onde se recolheu o que foi possível para esta antologia. Vem sendo, no entanto, anunciada a sua publicação, graças ao carinho de poetas e amigos.

O que se publicou em 1934, foi o volumezinho “Mensagem”, com que alcançou um segundo prêmio num concurso.

Nenhum leitor de Fernando Pessoa pode conformar-se com que só isso lhe tenha sido possível publicar. Reparos dessa espécie acaso lhe foram feitos, para que respondesse na carta a Casais Monteiro de 13 de janeiro de 1935:

“Concordo absolutamente consigo em que não foi feliz a estreia, que de mim mesmo fiz com um livro da natureza de “Mensagem”. Sou, de fato, um nacionalista místico, um sebastianista racional. Mas sou, aparte isso, e até em contradição com isso, muitas outras coisas. E essas coisas, pela mesma natureza do livro, a “Mensagem não as inclui”.

Continua mais adiante: [p.45]

“Concordo consigo, disse, em que não foi feliz a estreia que de mim mesmo fiz com a publicação de ‘Mensagem’. Mas concordo com os fatos que foi a melhor estreia que eu poderia fazer. Precisamente porque essa faceta – em certo modo secundária – da minha personalidade não tinha nunca sido suficientemente manifestada nas minhas colaborações em revistas (exceto no caso do ‘Mar português’ parte deste mesmo livro) – precisamente por isso convinha que ela aparecesse, e que aparecesse agora”.

Devia ter o poeta uma razão misteriosa para assim falar. Sabe-se que foi estudioso de coisas transcendentais, gozando de alta reputação entre os que se ocupam de astrologia. Talvez, pois, a “Mensagem” que ele achava conveniente ter aparecido naquele momento possuía algum sentido profético que os tempos venham a demonstrar, mas que, só com míseros olhos profanos, não consegue atingir com precisão. [p.46]

ANEXO 2 – IDEIAS PARA UMA ANTOLOGIA. MANEIRA DE FAZER UMA ANTOLOGIA [IDEAS FOR AN ANTHOLOGY. MANNER OF MAKING AN ANTHOLOGY] - BNP/E³, 14²-1^r & 14²-1^v (TRAD. CARLOS PITELLA E JERÓNIMO PIZARRO).

Antologias, “tesouros” de versos, coletâneas de poemas são comuns. Qualquer um pode fazê-los se tiver lido qualquer coisa, mesmo que só os poemas a incluir em sua seleção. Qualquer um, existindo os exemplos, pode fazer um “tesouro-de-versos” de qualquer tipo. Aliás, todos podem ver que uma antologia inglesa deve conter, por exemplo, “Ode to the West Wind” [“Ode ao vento oeste”] de Shelley, “Elegy” [“Elegia”] de Gray, “To Anthea” [“Para Anthea”] de Lovelace, a lírica “To Celia” [“Para Celia”] de Ben Jonson. Ninguém o contestará. Eu não estou imediatamente preocupado com os poemas escolhidos. Minha intenção primeira é outra.

A palavra antologia, derivada de λογία, significa ◇

Agora, de acordo com quais regras os poemas devem ser escolhidos para uma antologia, sob quais cabeçalhos devem ser eles classificados? Para responder a essa pergunta, devemos ponderar um pouco.

É imediatamente evidente que uma divisão como a que pretendemos fazer é diferente da usual, ◇ porque se destina a um outro propósito. Nossa intenção não é fazer uma classificação de poesia segundo sua forma e essência (como Dramática, Épica, Elegíaca e Lírica) nem segundo seu motivo ◇

Devemos dividi-la com respeito à sua inspiração, i.e., com respeito ao objeto que a inspirou (por exemplo, natureza, amor, e assim por diante).

Que coisas podem inspirar? Primeiramente, os sentimentos emergindo do contato ◇